

A constituição de experiências ético-estética nos varais do tempo, ao sopro do vento quente do cerrado: ensaios de memória discente/docente

Investigação em curso

GT 29: Outra globalização: novos saberes e práticas científicas, literárias e artísticas.

Denise Aquino Alves Martins

Resumo:

Neste ensaio busca-se encontrar fios de tempos/espacos de práticas docentes no sul e norte do Brasil, na presença viva da memória como fator de formação, criação e invenção de docência autora de si. Nos rastros dessa escrita, tal qual andarilho a esmo, percorrer autores, pessoas, tempos docentes de escola de ensino fundamental, de pesquisadora no seu próprio ambiente de trabalho e mais recentemente, práticas com discentes de curso de Pedagogia numa Universidade pública do norte do Brasil. Buscando pontos de partida para correlacionar a escrita de ontem, sobre formação de professores em pesquisa realizada com professores de uma escola pública de ensino fundamental no interior do RS, com a fala de hoje, pensando as articulações possíveis na experiência com discentes de um Curso de licenciatura, na reconstituição de uma temporalidade presente como forma de ser, encontro no terceiro capítulo de minha dissertação, intitulado “*Terceiro tempo: o coletivo no espaço noturno*”, o que representa a síntese de minha inquietação, a ausência percebida, deslocada de razão e fecundidade de nova racionalidade que denominei de *emoção, sensibilidade, corporeidade, afetos: as fronteiras e as pistas da convivência*. Pensar as relações entre o passado na formação em exercício numa escola pública de ensino básico e a formação de discentes num Curso de Pedagogia, requer novas ferramentas de análise, romper com concepções cristalizadas, posto que nesta pequena década do século XXI, se aprofundaram as demandas, as atribuições e formas de avaliações do trabalho docente, produzindo novas incertezas, desolações, cicatrizes abertas. Quais os desafios da profissão para pensar e agir com as culturas infantis de nossos dias? Que disponibilidades corporais estão colocadas? Das redes e teias tecidas no ardor do trabalho e paixão pela vida, encontrar versos, signos, pensamentos sobre/com o imaginar, criar, inventar, algo ex-posto na comunicação e visibilidade de construções de espaços vitais na profissão. A intencionalidade metodológica aproxima-se de práticas qualitativas na educação em abordagens participativas, bem como a intersecção com o método (auto) biográfico descritos por Nóvoa, Finger, Josso, Dominicé (2010) Cunha (2010), Chaigar (2008). A constituição de experiências ético-estética nos varais do tempo, ao sopro do vento quente do cerrado, nos desertos e (des)vestir de um corpo docente, discente, pensar práticas de linguagens artísticas, sensíveis, pensar ensaios de liberdade, na resistência do ato de fazer-se autêntico, único e inédito. A contemporaneidade na presença da estetização da sociedade também nos exige uma postura crítica que nos retire da indiferença agressiva do momento em que se produz realidades virtuais, em que o peso do viver parece sem responsabilidade e sem gosto na ânsia de consumo comunicacional, a grande utopia do momento segundo Pereira (2009). Essas transformações e acomodações nos embriagam cotidianamente com a repetição da sensação de algo perene (Welsch, 1995), nos conduzindo ao esvaziamento da experiência corporal. Macedo (2010) ao tratar da estética e formatividade, salienta que o conhecimento baseado na *ratio* está reduzido ao cálculo esquecendo-se das “*mediações potentes da paixão, da sensibilidade*”. Nesse sentido chama a atenção para a “*des-estetização do conhecimento*”, esse esforço de “*negação do sensível no processo de construção do conhecimento*” presente na formação e nos currículos universitários (p.127). No projeto “**Mobilizar-te**” as disponibilidades nas relações de alteridade são destacadas como elementos da concentração acadêmica no fazer diverso das normas do “eu devo”, bem

como a compreensão de um fazer coletivo, de abertura de ambientes aquecidos, na interligação de fios de teias/redes de proteção para pensar futuros da profissão como produtora de si. Neste panorama acadêmico urge que investimentos na área educativa possam incluir essa discussão no campo da formação. E isto é um fazer-docente prenhe de intenções políticas, éticas e estéticas.

Palavras-chave: experiência estética. formação. memórias.

O texto não está dado- revisitando os espaços de formação na escola básica

No pânico da página vazia, as semanas passam e o tempo pede o texto. O texto não está dado, é preciso lapidar a pedra do ato do pensamento, evocar as imagens dos signos que nos rodeiam em diferentes tempos, espaços da existência. Exercitar o movimento, feito poeira e vento interno que nos pertence, de formas diversas, plurais e nômades, somos passageiros, entrecruzamentos de si e os outros, todo tempo, *eu-e-nós*. Ao inventar os signos que dizem o que pensamos nos deslocamos em diversos mosaicos estéticos que compõem nossos vitrais mais superficiais, mediatos e, ao mesmo tempo, íntimos e misteriosos.

A força do fogo que queima, inventando o vidro, é a imagem primeira do sentido de criar. Brincar com as palavras é uma forma de traduzir palavras, voar com o pensamento, na liberdade do vôo, no turbilhão que isso possa provocar montar quebra-cabeça, permitir a explosão do vulcão. É como passear num labirinto, na dúvida de cada cruzamento, decidir caminhos, medos sendo dominados, na aventura de correr riscos, no tapete voador da incompletude de ser criança, chamar à roda os “causos” que nos fazem ser o que somos.

Iniciar a obra por perguntar-se: O que se está dizendo sobre criação? expressão? dimensões ético-estéticas? de/para/com quem? Penso que partirei nessa viagem com minhas próprias malas, na bagagem que trago, do que vivi, pensei, imaginei com crianças, professores e discentes universitários em tempos-espaços distintos. Habitar na memória estética de cada tempo.

“[...] as emoções conduzem a vida de todos nós e que na criação cultural são presenças constantes. A memória social é o “armário” das nossas aprendizagens e vivências culturais e a Cultura Material nada mais é do que uma infinita quantidade de “prateleiras” desse nosso “armário”, onde as portas estão sempre entreabertas permitindo a quem chega recriar, reinventar, acrescentar e também alterar” (ARAGON, 2003, p.47).

Memória social/estética que habita em mim como um baú, em que entram sons diversos, materialidade de um corpo sulista, que na escrita feito memorial despoja o tempo e se transporta ao ontem, no campo, na pacata cidade do interior do Rio Grande do Sul, Pinheiro Machado. Busco na própria escrita de memoriais do corpo, alguma coisa não dita pela trajetória formal, mas aquela que fica encarnada nos sonhos, nos devaneios de menina, ao brincar de circo com sua irmã Jane no pátio da casa em Pinheiro Machado, ou então do quarto de brincar, onde por muito tempo foi possível inventar, construir personagens recortados de revistas, pensar outras vidas, sentir a identidade deslocada ou pensar sobre possibilidades criativas com o corpo em movimento.

Na distância do tempo da infância observo uma riqueza patrimonial herdada dos meus pais/família como um todo, na sensatez de uma educação sem excessos de mimos, nem austeridade e rancores, ao sabor da possibilidade, na ética da perseverança, aprendemos a lutar por nossas próprias pernas. Esse é um legado que encarnou em nossos corações uma forma de estar no mundo, atentos, curiosos, tolerantes, mas muito ferozes na busca por democracia e diálogos com o mundo.

Aqui agora de volta a Satolep, nos versos de Vitor Ramil, tentar dar rumo a minha escrita não mais solitária.

“[...] Eu existo em Satolep
E nela serei para sempre

O nome de cada pedra
E as luzes perdidas na neblina
Quem viver verá que estou ali”.

Das inúmeras possibilidades de relacionar estes temas com a minha própria experiência docente, nos diversos protagonismos de processos ético-estéticos, procuro ajuda novamente nas memórias da presença de sentido, algo do gênero da fonte inapreensível para o olhar externo, porque de relação com a intimidade da pessoa.

Nossa formação estética dá-se por meio da diversidade de imagens, *performances* e discursos que a sustentam, e que povoam nosso cotidiano. Dá-se pela forma como nos afetam e de como reagimos a isso. [...] Nossa experiência estética constitui-se do conjunto de aprendizagens sensíveis e conscientes das quais lançamos mão, ainda que sem nos darmos conta, para ver o que nos acontece e responder a isso (FARINA, 2008, p. 100).

Dialogando com Bachelard (1978) no pensar imagens de “espaço feliz” como espaços louvados, “vivos com todas as parcialidades da imaginação”, nas “imagens que atraem”, sendo que estas “quase não abrigam ideias tranquilas, nem ideias definitivas, sobretudo. A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens”. (p. 196)

Não é uma tarefa fácil, portanto, atribuir práticas expressivo-criadoras no fazer docente, principalmente relacionada ao mundo infantil. Considero neste trabalho o conceito de criação nos desvios de acomodações, impedimentos de esterilização, na Pedagogia inquieta, incomodada, irregular, que dança nos delírios de seu tempo, em busca de si, de autenticidade, de autoria na prática de perceber o outro, compartilhar e habitar o riso, a imaginação como presença constante no convívio da arte de decidir seus rumos. Maturana diz que novo ou “novidade é sempre um evento visto num quadro de referência a partir do qual ele não pode ser predito por um observador”. Criamos o mundo que vivemos, vivendo-o. Os organismos estão, ao menos potencialmente, em condições de passar por uma mudança contínua em seus acoplamentos estruturais (pp. 164-165).

Potencialidade criativa? Existem no cotidiano inúmeras formas de perceber o que os invisíveis já perceberam, as resistências são formas de desafiar prescrições, padrões, tão afeitos das políticas normativas em relação ao trabalho docente.

Nóvoa (2011) diz que há um “transbordamento” sobre o trabalho do professor, em que consensos discursivos foram criados sem a participação dos mesmos, favorecendo uma vulgarização desse discurso, na marginalização do fazer criativo, na falta de autoria nesse território profissional. O excesso de discurso esconde uma grande pobreza de práticas. Pensar a profissão por dentro na valorização da cultura docente, na visibilidade de práticas de invenção de possibilidades, “no salvar a pele” na atitude ética de valorizar a profissão. Essas as imagens que quero destacar.

Das primeiras imagens no pensamento, as aulas de educação física com crianças no período de 1986 a 2006, das diferentes formas de trabalho através do jogo, teatro, dança, invenção de regras, na influência da leitura de Celi Tafarel, criatividade como método de trabalho. Os espaços pouco convencionais para o trabalho de movimentar-se, dentro do improvável, pode parecer poético, mesmo que a revelia, mas ao ocupar a quadra aberta, ao arejar o corpo no espaço livre das carteiras, mobilizamos sentidos outros, na ação de pensar-sentir, na produção de ferramentas para a autoria e conexões para a criação. Na estética presente do jogo e do brincar, na ação prática de deslocamentos de corpos, no prazer do girar o corpo que se (des)equilibra, pula, salta, cai, na incompletude do ato de estar pronto, nas imensas gargalhadas e barulhos que as crianças são capazes de gerar, a positividade de uma didática em aberto. Não há prescrições para o jogar, não há livros didáticos, fórmulas, precisamos inventar o que fazer, onde realizar e como dividir os espaços restantes das salas de aula para nossa prática diária.

Nesse ponto a liberdade é inerente aos novos conceitos de aprendizagem que envolve emoções, sentimentos, intuição, capacidade de resolver problemas (Nóvoa, 2011), numa compreensão de um conhecimento não destituído da vida. Na esteira de quem busca nos métodos criativos uma inversão à lógica esmagadora do “eu devo”, a autoria assumida na prática docente é uma forma de resistência “desafiar a inércia” (Bauman, 2009), produzir o sentido de seu fazer, na luta diária de inventar o dia.

Nesse sentido “a memória funciona como fontes de potencialidades de criatividade no desenvolvimento da autoria” (Berkenbrock Rosito (2008, p.8) e foi assim que vivi a dissertação de mestrado¹ na escuta de narrativas das professoras, buscando no fio do tempo, movimentos próprios de quem se inventa, nos espaços de trabalho, como ato ético-estético-político, numa multiplicidade de afetos, conhecimentos e intersubjetividades prenes de narrativas de construção de si, numa experiência de formação em exercício, utilizando como ferramenta de trabalho as memórias das professoras, na aproximação de vida pessoal e profissional, em que “passado, presente e futuro se conectam e se redimensionam em sempre novas constelações” (KRAMER, 2001, p. 162).

Nesse trabalho acompanhar o coletivo, nas conexões de suas infâncias, no tecer do tapete, na metáfora de perceber um grupo criar na experiência de protagonismos compartilhados com seus alunos, pensar nas inúmeras tentativas de aproximação e alteridade, fundar uma profissionalidade. Perceber nas falas das professoras que os movimentos que marcam suas lembranças são prenes de elementos estéticos na dança, no coral, no artesanato, nas brincadeiras e festividades da escola, isto constituindo grupos e amizades. Estes registros povoados de imagens de escolas, lugares habitados, como desafiadores e ricos de expressão criadora de formas éticas. Contrariando lógicas, no miúdo da escola, no anônimo e avesso aos ditames de parâmetros estabelecidos. Foram os anos finais da década de 90, vieram depois os experts falar sobre o fazer docente.

Na roda da memória práticas docentes no ensino superior

Na continuidade desse processo, mas virando a página de uma docência arraigada no sul do Brasil, passo a descrever o processo de invenção docente no norte do país. Tocantins, Palmas, das redes que se fazem teias. Falar de Palmas é falar de cerrado, clima de deserto, no vazio “apreender o que oferece o espaço/tempo cotidiano numa percepção sensível comum à poesia” (Victorino Filho, 2007). É nos despirmos de nós mesmos, ficar na pele, “salvar a pele” (Soares, 2010), na invenção de uma prática de si com o outro.

Nos últimos onze anos vivendo no norte do Brasil, na docência/recíproca dos Cursos de licenciatura em Educação Física e Pedagogia, busco articular práticas de inéditos viáveis (Freitas, Freire), nas inspirações que carrego na bagagem, nas fontes de Chaigar, Redin, Loponte, Farina, Vilela, Nóvoa, Boaventura Santos, Macedo, Larrosa, Freire, Cunha.

Na totalidade das horas sob um céu azul e sol escaldante, vemos mais um dia existir na sua concretude de poeira, ventos, calmaria, calor, falta de umidade, desassossego e vontade extrema de mergulhar nas águas de qualquer rio ou lago que porventura nos circunda. Nesse cenário pouco convidativo para o pensamento radical e complexo, posto que nos entediamos com grandes esforços físicos, no deserto do clima do cerrado, fazemos nossa morada, nos deslocamentos migratórios que a profissão docente nos consolida/impulsiona, lembro a fala de uma pesquisadora sobre o bioma e o ecossistema do cerrado, afirmando que a vegetação que aqui existe, nas diferentes temperaturas do dia, ao contraste de altas e baixas frentes de calor e frio, a vida só persiste por impulso da sabedoria da espera, das chuvas, das águas. Assim vivemos nossa profissão, na espera das águas de outubro, poder vitalizar nossa energia presa por meses de incalculável secura, mal estar e dores no corpo, como uma

¹ “Trabalho Coletivo, professoras e identidades na trajetória da investigação escolar”

ausência presente. Ao presenciar os espetáculos de dança e teatro (des)vestidos e desertos² percebemos no palco a potencialidade do corpo, quase sem música, quase sem rumo, na textura de um drama de ausência de nós mesmos em nós. Esses espetáculos puderam me dizer da fonte interna, da visualidade que somos perante um lugar qualquer, destituído de atrativos físicos, mas que podem nos provocar mutações em buscas incansáveis de sentidos do viver.

Do período de 2001 a 2008 atuando numa Instituição de ensino superior privada, penso as imagens de varais e portfólios dos alunos de Educação Física, no aquecimento de ideias sobre infâncias, lugares e memórias de si. A colcha de retalho, que havia observado no trabalho de Redin³, me inspiraram a desafiar os acadêmicos de Pedagogia a pintar sobre os quadrados do tecido, sua infância e artefatos de brincar. Processos que apostam na biografia de vida como momentos de formação (Josso, Nóvoa).

Lembro que nesse período estive em Palmas para uma palestra o jornalista Gilberto Dimenstein, então conhecemos mais uma de suas obras “O mistério das bolas de gude. Histórias de humanos quase invisíveis”, como um sopro de vida, nos tornando mais perceptíveis aos anônimos, invisíveis que rodeiam nossos cotidianos.

[...] os quase invisíveis às vezes se materializam despertados por um detalhe- uma música, um professor, um quadro, um livro, uma dança, uma poesia, uma fotografia-, estabelecendo uma relação de pertencimento com o mundo. Testemunhei como esse encantamento se disseminava, em igual intensidade, e às vezes com intensidade até maior, em quem, de algum jeito, ajudava-os a se descobrir. Para algumas pessoas, compartilhar é um prazer supremo. Não são movidos nem por heroísmos nem por altruísmo, mas pelo prazer da criação humana- assim como os músicos sentem prazer e encontram a razão de viver em compor, os escritores em escrever, os cineastas em filmar e os escultores em talhar formas. Como ocorre em toda criação, combinam-se dor, sacrifício e beleza. (DIMENSTEIN, 2006. p. 9)

A partir de 2008 começo a atuar na Universidade Federal do Tocantins (UFT) no curso de Pedagogia nas disciplinas Arte/educação, Teoria dos Jogos e Recreação e Fundamentos e Metodologia de ensino da arte e do movimento. Currículo novo, voltado à atuação profissional da educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental, em que os desafios são buscar novas parcerias e estudar campos disciplinares amplos, derrubando as poucas fronteiras que existem entre movimento, arte e recreação (quando se fala de criança vive-se intensamente sobre os três elementos).

Nesta busca de novos coletivos, encontro no corpo discente o campo promissor de alianças políticas de ocupação de espaços para pensar práticas ético-estéticas na Universidade⁴. A demanda por

² Trata-se do projeto Sescamazôniadasartes, com apresentações realizadas no período de 21/05 a 29/05/2011 no Sesc de Palmas (TO). Nessa edição foram selecionados grupos de teatro, dança, música, teatro de rua, da região amazônica. O espetáculo (des)vestidos pertence a Cia experimental de Dança Waldete Brito, com produção paraense. O poema “O caso do vestido” de Carlos Drummond de Andrade é o texto motivador do espetáculo. O espetáculo desveste o poema de diferentes modos e pela presença corporal dos bailarinos revelam uma leitura própria, em gestos e movimentos esteticamente construídos, que pressupõem outros poemas. A coreografia mistura dança e poema no tempo e espaço da cena. O espetáculo “Deserto” é uma encenação dos poemas de Micheline Verunschik com Flávia Teixeira, atriz maranhense formada pela Escola de Arte Dramática ECA/USP. A encenação procura discutir as fronteiras entre Teatro e Literatura. Rica em contrastes, a encenação se apoia em fragmentos dos poemas escolhidos. Maiores informações ver: [www.sescto.com.br: disponível em < http://www.flickr.com/photos/mseixas/5706574327/in/photostream/>](http://www.sescto.com.br/disponível%20em%20http://www.flickr.com/photos/mseixas/5706574327/in/photostream/) data de acesso: 03/08/2013.

³ Recentemente conheci o trabalho de Berkenbrock- Rosito (2010) que também utiliza colcha de retalhos.

⁴ Volto no tempo e lembro dos estudos que fiz em filosofia da educação, na época da graduação na UFPEl, penso nos movimentos populares na vida pulsante dos anos 60, nos festivais de música, nos círculos de cultura da educação de jovens e adultos, nas vivências de trabalhos de extensão universitária, todos esses elementos “acoplados”, espaços e tempos de autorias, resistências, na aderência nos ditos de Nóvoa para pensar uma docência disponível e aberta ao outro, diverso de mim.

ocupação de espaços também é destacada pelos acadêmicos, quando Diogo me alerta no seu fanzine “para além de ser aluno”, o que nos resta? o que fazemos? Larrosa (2001) ironicamente assume os riscos na escrita e na narrativa de um encontro com as dúvidas, com a mobilização das inquietações, quando desafia a formação acadêmica como itinerário único. Afirma que os processos de formação estão para serem inventados de forma singular. Pensa o professor como quem oferece desejo e tensão, fazendo “*com que cada um se volte para si mesmo e vá além de si mesmo*” (p. 11).

Sucumbimos com nós mesmos, nos devoramos em fazeres para o mercado, nos esquecemos de produzir nosso prazer em viver. Precisaremos (re)ver a contemporaneidade com olhos e chapéu de guizos! Larrosa (2001) é quem nos provoca a usar, para relativizar as máscaras retóricas que configuram o uso da linguagem. “O riso mostra a realidade a partir de outro ponto de vista” (p.178), nessa condição de auto-ironia produzimos uma “*revogação de identidade [...] e assim, o riso põe a nu sua própria finitude*” (180).

A experiência do projeto Mobilizar-te como acontecimento em artes na UFT, pretendia dar visibilidade ao Curso, pensar práticas com crianças num desdobramento de suas próprias memórias de lugares e formas de sentir infâncias. Estes processos interligando ensino, pesquisa e extensão na graduação ainda são pouco explorados na produção universitária (Cunha, Chaigar). Foram cinco edições do projeto (2008-2010) em que os acadêmicos investigaram temas relacionados as diversas linguagens artísticas no trato com a expressão/criação e ludicidade.

Puxando fios do tapete nas possíveis origens da proposta do Mobilizar-te existem intenções palpáveis e outras que são espécie de objetos de desejo, guardados nos baús de dentro da gente, semelhante a loja de miudezas, gavetas que escondem segredos, sonhos, utilitários, sala dos objetos, o que fazem com nossos sentidos? Em contextos de mobilidades geracionais como o Tocantins, deslocar-se para um relembrar infâncias, lugares, formas e jeitos de ser criança, antes do fazer pedagógico normalizador, didático e prescritivo. Histórias de vida foram reveladas, junto com as linhas descritas nas propostas dos cenários, cruzando cenários de infâncias, artefatos culturais, demarcações de formas de lidar com brinquedos, movimentos e linguagens artísticas.

Entre os objetivos da proposta apresentada aos acadêmicos destacam-se: promover experiências estéticas no campo das artes visuais, cênicas e musicais, com acadêmicos do Curso de Pedagogia e demais interessados; refletir sobre as possibilidades educativas do ensino da arte/movimento com crianças, jovens e adultos e possibilitar a vivência com a arte de forma prazerosa e lúdica.

Na organização da 5 edição desse “*acontecimento*”, pensando na arte contemporânea como forma de intervir na realidade cotidiana, com instalações, performances, dança, teatro e vídeo numa bricolagem de elementos visuais, cênicos e sonoros. As oficinas não possuíam pretensão de ensinar arte, mas apenas usufruir, viver nos espaços construídos nas salas diversas, nos corredores do bloco A, lócus do Curso de Pedagogia, uma aprendizagem para si, para o outro próximo a mim, nesse conjunto convocar aos outros a pensar sobre os ambientes aquecidos, na estética do cuidado, o auditório se transformou numa gigante teia de aranha, com barbantes pendurados do teto, em que pequeninas aranhas teciam os fios cruzando imagens, cores, música, poesia. No palco montado as visitas de artistas, dramatizando textos, declamando poesias, fazendo mosaicos de restos de papel, pinturas, recebendo trabalhos de crianças de escolas, preparando dinâmicas de luzes, fotografias, brincadeiras, no intenso movimento de uma postura e ritmo profissional.

Macedo (2010) destaca uma “*política dos sentidos na formação*”, traduzindo o imaginar como antecipar, transgredir, trair, numa necessária “*microtransgressão*” das relações humanas em formação, pois

O fato de que a presença do imaginário nas práticas formativas demanda imaginação política e rejuvenescimento dos imaginários propositivos da educação. [...] para impedir a esterilização da imaginação nos tempos e espaços das nossas existências em formação (p. 143)

Os cenários eram rigorosamente preparados, num intenso burburinho e concentração, na atitude de comunicar o melhor de si. Todos os grupos interagiam livremente, no tempo certo de poder abrir o palco para os demais acadêmicos de outras turmas. A comunicação de seus feitos, na abertura e exposição de si, na capacidade de silenciar o tempo do trabalho apenas na lógica do capital, mas desacelerar a velocidade, permitir a experiência, sentido do acontecimento que te toca (Larrosa).

Um movimento muito importante na conquista de um espaço para a divulgação artística do curso de Pedagogia. Penso que este evento é a forma mais dinâmica e envolvente de apoio a arte, promovido pelo curso, só tenho a agradecer por fazer parte dessa vivência. O projeto melhora em cada uma das suas edições; o comprometimento dos alunos e o desenvolvimento mostra a necessidade que tínhamos em promover este tipo de evento no curso (A1). O esforço que partiu da maioria dos alunos no intuito de expor um bom trabalho, também o talento que descobri em mim e nas outras pessoas que participaram das oficinas (A2). Foi de grande valia para ampliar nossos conhecimentos, pois houve uma integração entre os alunos de outros cursos. Foi possível também perceber que a arte é importante para a vida do acadêmico (A3).

Esses sujeitos da experiência ao parar para sentir, sentir mais devagar, no gesto de interrupção de ser apenas aluno, cultivar a atenção e delicadeza (Larrosa, p.24), escutar os outros, ver o que fazem, como são capazes de ultrapassar seus limites, no “ex-posto” vulnerabilidade e riscos. Como criar a docência em si, sem imprevisibilidade? sem auscultar suas paixões? Criar espaços em que o lugar dos acontecimentos são viáveis.

Nóvoa (2011) afirma que a ciência sem as artes, sem as humanidades, não é nada. É cega. É inútil. Transforma as sociedades do conhecimento em sociedades da ignorância (p. 11). Rosito também nesta linha diz que “a formação distante da arte e da estética desvela o embrutecimento” (p. 12). Numa linha propositiva a pesquisadora Maria Isabel da Cunha (2010) também sugere possíveis caminhos para refletir o sentido da ação acadêmica e o papel da Universidade na sociedade quando destaca que

“os processos de produção e apropriação artísticas possam revelar-se significativos na formação humana. Tornar a arte presente na educação como forma de pesquisa, experiência de abertura sensível e cognitiva para o outro, compreensão e transformação de si e do mundo é objetivo (2010, p. 7)

Na ação oxigenadora, há um arejamento da cultura, na produção de artefatos de brincar, no brincar, vestir-se de personagens, tornam-se mais sensíveis ao entorno, na memória potencializadora de disponibilidades corporais com as infâncias. Na composição dos espaços lúdicos com mosaicos, caixas de papelão, tapetes, música, varal de poesia, discos de vinil, letras de músicas, luzes, fotografias, vídeos, relaxamento, teatro, permitir-se viajar nas asas da imaginação e cantar, dançar. Assim podemos enumerar as constâncias percebidas pelas escolhas dos acadêmicos nas temáticas desenvolvidas:

- Música
- Desenho/pintura/modelagem/colagem
- Poesia
- Artefatos de brincar/Artesanato
- Fotografia /Vídeo
- Teatro/Jogos/dramatizações
- Exposições de arte
- Relaxamento e respiração
- Contar histórias/recitar
- Cirandas

A forma do trabalho foi partejada em sala de aula, através dos desejos pulsantes dos alunos de fazerem algo nos corredores vazios dos prédios da Universidade, sondando possibilidades de avanços no agir pedagógico e político na consolidação da união entre ensino, pesquisa e extensão.

“Na ética da vida afirmada” (Rosito, p.5) a colaboração dos pares, assume a função de criar parâmetros de regramento da vida coletiva, pois na raiz do desejo de acertar aos olhos dos outros, assume-se uma postura crítica de aderência ao trabalho. Nos depoimentos recebidos no final de uma das edições, percebemos o grau de envolvimento dos acadêmicos quando nos dizem:

As pessoas que participaram demonstraram interesse e testemunharam necessidades de constância disso em suas vidas. O que nos deixou satisfeitas, enquanto projeto desenvolvido, pois podemos alcançar nossos objetivos [...] este grupo participou de três edições, podemos avaliar de maneira positiva para construção de nossas identidades profissionais. Isso porque é um momento de convivência e aprendizagens diversas. Não só com um olhar participativo, mas também como integrante de um projeto, podemos, enquanto grupo discutir, pensar e repensar teorias que foram pesquisadas no decorrer das disciplinas. Isso é avaliado por todas nós como significação profissional enquanto futuras educadoras (S., P., K., I. e L.).

Pode-se afirmar que o referido trabalho foi de extrema importância e trouxe ricos conhecimentos para o grupo, pois proporcionou pesquisas, compreensão e conhecimento sobre grandes fotografos que se destacaram por meio de seu trabalho. Assim, este trabalho possibilitou ao grupo sensibilização, visão estética e uma visão maior sobre as fotografias (M. S., S. M., S. B.).

A importância da arte na formação de professores é que ela cria um movimento, uma mobilização de ações, que resulta em construções de formas práticas naturais e culturais. E é no movimento dessas ações que a arte faz pensar o papel e a formação dos professores nos cursos de licenciatura (R.).

Nóvoa (2011) considera que o trabalho escolar possui duas finalidades: transmissão e apropriação dos conhecimentos/cultura e compreensão da arte do encontro, da comunicação e da vida em conjunto. Lugares de formação podem/devem reforçar a presença pública dos professores. Comunicar com a sociedade é responder perante a sociedade.

É nesta via da comunicação como desafio do fazer profissional, que se utiliza de espaços públicos para expor-se, na criação e escuta dos parceiros de trabalho, que inscrevo o campo do Mobilizar-te. “Fronteiras e cruzamentos/ o futuro passa pela convergência entre várias disciplinas, pela interligação entre áreas distintas, pela fertilização mútua entre grupos científicos. São necessários ambientes que as universidades podem propiciar (pela sua diversidade)” (NÓVOA, 2011, p. 10).

A criatividade de pessoas que até não se interessavam pelo assunto, se envolveram. As poesias, as pessoas revelaram-se artistas, recitando poesias, cantando e, claro, a arte da pintura em que pessoas não sabiam e aprenderam e fizeram coisas incríveis (A4). Eu achei uma das melhores experiências na faculdade, pois pude interagir em diversas áreas (A5).

Além desses comentários destacam-se os elogios aos grupos de teatro e sensibilização, pois ofereceram atividades inéditas, salientadas por alguns pelo *fascínio* que despertaram; sobre o evento em geral outros afirmaram a importância em trazer *a cultura do inusitado, espaço que busca chocar a realidade que de certa forma é muito estática na vida das pessoas* (A12).

Reverendo as práticas já vividas neste período de cinco edições do Mobilizar-te, penso que as palavras de Farina (2008, p.3) em relação ao corpo de que “vemos a economia de mercado apropriar-se dele e refundá-lo como corpo de consumo de sua própria experiência”, invocam novos estudos, correlações com a presença corporal, numa tentativa de não sacralização de “outros cadáveres entre eles, o corpo”, produzidos e tirados de seu endereço próprio.

Bibliografia:

- ARAGON, Sandra Maria Cristino Nogueira de Aguiar. Cultura Material: a emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objetos. In: Pierre Bourdieu. O autor do século. **Cultura Vozes**, n. 4. ano 97, volume 97, 2003. p. 62-69.
- BERKENBROC-ROSITO, Margaréte May. **Workshop: A Pesquisa e a Educação Estética na formação humana de professores**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (RS), 2008.
- CHAIGAR, Vânia Alves Martins; MARTINS, Denise Aquino Alves; REDIN, Marita Martins. Memórias, Imagens, Identidades...experiências formativas e reinvenção de olhares sobre si e o outro. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)
- CUNHA, Maria Isabel da (Org.) **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores; Brasília, DF: CAPES/CNPQ, 2010.
- FARINA, Cynthia. Políticas do sensível no corpo docente - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. **Revista Thema**. Volume 7, n.1. 2010. Disponível em: <<http://www2.ifsul.edu.br/~revistathema/index.php/thema/article/viewFile/11/5>> acesso em: 20/04/2011.
- FARINA, Cynthia. "Formação estética e estética da formação". In: Fritzen, Celdon e Moreira, Janine. (orgs.). **Educação e arte**. As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papyrus, 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Rev. Bras. Educ.** vol.14 n. 40, Rio de Janeiro, jan./abr. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FRITZEN, Celdon e MOREIRA, Janine. (orgs.). **Educação e arte**. As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papyrus, 2008.
- GALEFFI, Dante Augusto. Estética e formação docente: uma compreensão implicada. **Debate** na UFBA, 2009.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In.: NÓVOA, A.(Org.). **Vidas de professores**. 2ed. Porto: Porto editora, 1995
- GRUNDY, Shirley. Mas alla de la profesionalidad. In: CARR, Wilfred (Org.). **Calidad de la enseñanza e investigación-acción**. Sevilla: Díada Editora S.L, 1993. p. 65-85.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Proposta para uma nova narrativa educacional. 2ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas**. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MACEDO, Roberto Sidney. **Compreender/mediar a formação. O fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.
- MARTINS, Denise A. A. **Trabalho coletivo, professoras e identidades na trajetória da investigação escolar**. Porto Alegre (dissertação de mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação, PUC/RS, 2000.
- MARTINS, D. A. A. ; CHAIGAR, V. A. M. ; REDIN, Marita M. . Bordados e bordadeiras...histórias de vida e vida das histórias no artesanato da docência e da formação de professores no sul do Brasil. 2006. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
- NÓVOA, Antônio, FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, EDUFRRN; São Paulo, PAULUS, 2010.
-
- Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

PEREIRA, Marcos. Contribuições ao debate sobre a relação entre a estética e a educação na nova sociabilidade. **32. Edição especial da Anped**, 2009, disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/sessao_especial> acesso em: 02/09/2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. 3ed. São Paulo: Cortez, 2001. (volume1.)

WELSCH, Wolfgang. **Estética além da estética**. Proceedings of the Congresso Internacional de Estética XIII , Lahti 1995, vol. III: Estética Prática na Prática e Teoria , ed. Martti Honkanen, Helsinki 1997, 18-37. Disponível em <<http://www2.uni-jena.de/welsch/>> acesso em: 23/08/2011.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.